

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR / 1924

um filme de Maurice Mariaud

Realização: Maurice Mariaud / **Argumento:** Campos Monteiro, baseado no romance homónimo de Júlio Dinis / **Fotografia:** Victor Morin / **Direcção Artística e Décors:** Marcel Magniez / **Montagem:** (?) / **Interpretação:** Eduardo Brazão (O Reitor), Maria Helena (Margarida), Maria de Oliveira (Clara), Arthur Duarte (Daniel), Vasco de Gondomar (Pedro), Manuel dos Santos Oliveira (José das Dornas), Augusto de Mello (João Semana), Duarte Silva (João da Esquina), Ricardina Maia (Francisca), Antónia de Sousa (Teresa), Petra Bueno (Margarida, em criança), Leonel Castelo Branco (Daniel, em criança), etc.

Produção: Raúl de Caldevilla para Caldevilla Film / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, muda, com recuperação das tintagens e viragens originais, intertítulos em português, 145 minutos a 18 fps / **Estreia Nacional:** Jardim Passos Manuel (Porto), a 26 de Junho de 1924.

SESSÃO COM COMENTÁRIO

No livro **Raúl de Caldevilla**, editado pela Cinemateca Portuguesa em 1982, Henrique Alves Costa dá conta de como foi encontrada esta cópia de **As Pupilas do Senhor Reitor**, dada como perdida durante mais de quarenta anos.

"Certo dia, foi isto em meados de 1968, recebo um telefonema da Marta Cristina de Araújo - na altura, presidente da direcção do Cineclube do Porto - para me dar uma grande notícia. Haviam oferecido ao Cineclube uns filmes muito antigos, que tinham sido encontrados na arrecadação de um prédio que estava para ser demolido na Rua de Sá da Bandeira e que seriam as fitas da antiga Caldevilla. E pediram-me que fizesse o necessário para as examinar e identificar. Não se sabia em que estado se encontravam, nem que filmes eram. Estavam contidas em doze ou treze latas, muito enferrujadas e sem rótulos.

Combinei o exame com o Dr. Neves Real, no cinema "Estúdio" a que, no momento, ele ainda estava ligado. E com a prestável colaboração do projeccionista, que se dispôs a trabalhar comigo toda uma manhã, fez-se a abertura das latas e a passagem dos filmes à bobinadora. Mais uma vez, "milagrosamente" e não obstante terem estado nas piores condições de conservação e segurança, durante muitos anos, a humidade não tinha penetrado nas latas e os filmes estavam ilesos (...) De tal sorte que, com todas as cautelas, puderam ser logo a seguir projectados. O achado era precioso: uma cópia integral, impecável, sem uma nódoa, sem um risco, de **As Pupilas do Senhor Reitor**: uma cópia, também em muito bom estado do documentário-reportagem **9 de Abril**, com grande parte do respectivo negativo; alguns negativos de **Termas de Portugal** (este com as legendas em rolinhos separados, já positivadas); e ainda alguns metros de negativos de duas curtas cenas de **Os Faroleiros**".

Era grande parte do espólio da Caldevilla que assim reapareceu e foi doado ao Cineclube do Porto pela Senhora D. Paulina Paula Santos, filha de Raúl de Caldevilla. Alguns anos depois, graças a Alves Costa e ao espírito de colaboração do Cineclube do Porto, a cópia de **As Pupilas** foi depositada na Cinemateca Portuguesa, que a passou do nitrato em que se conservou para

acetato. Em Dezembro de 1982, sessenta anos depois de ter sido rodado (Julho a Setembro de 1922) as **Pupilas** voltava a ser visto em público.

Infelizmente, pouco ou nada se pôde recuperar das tintagens originais. Até que... Até que, em 1994, quando descobri, graças ao Dr. Caetano Beirão da Veiga, não só **Os Faroleiros** do mesmo Mariaud, como o negativo (também em nitrato) de **As Pupilas**, se verificou que seria possível recuperar essas tintagens. No caso de **As Pupilas**, o negativo não estava em tão bom estado como o de **Os Faroleiros**. Mas graças à ajuda de alguns laboratórios estrangeiros (Amesterdão e Bolonha, designadamente) foi possível o restauro com recuperação das cores originais. Por duas vezes - 1968 e 1994 - o acaso bateu à porta e o que se dissera perdido salvou-se. Por essa e outras é que nós, gentes, das cinematecas, teimamos em dizer que não há filmes perdidos, mas filmes que faltam.

De resto, vários mistérios rodeiam esta película da Caldevilla. Se **Os Faroleiros** teve saída pública mais do que discreta, **As Pupilas**, apesar da evidente ambição do projecto, não pareceu beneficiar de mais ampla difusão. Sabe-se que passou no Passos Manuel em Julho de 1923, mas não se sabe se em sessão pública ou privada. E, num anúncio reproduzido por Félix Ribeiro e Alves Costa, em Fevereiro de 1925 - ou seja ano e meio após a sua conclusão - o Cinema Condes, de Lisboa, anunciava a estreia "do maravilhoso *film* de arte português **As Pupilas do Senhor Reitor**", "primeira adaptação em 8 partes do romance de Júlio Deniz" (mas na cópia a exhibir contam-se nove partes). A "estreia" era só lisboeta? Ou as sessões do Porto de Julho de 23 e Junho de 24 não contavam como tal? Para adensar o mistério, em entrevista concedida à revista portuense **Invicta Cine**, a 15 de Agosto de 1923 - entrevista que Alves Costa transcreve na obra citada - Raúl de Caldevilla refere-se às **Pupilas** como um filme a estrear. E Luis de Pina, na sua obra **Estreias em Portugal 1918-1957**, não recenseia a estreia da obra, por falta de dados fiáveis.

Sabe-se (até pela citada entrevista) como era vasto o plano de Caldevilla quando, em inícios de 1922, tentou lançar a firma com o seu nome na produção de "fitas de fundo" e para tanto convidou o francês Maurice Mariaud. Na entrevista citada por Alves Costa, fala de oito projectos "num plano de produção, durante ano e meio". E cita **Os Faroleiros**, **As Pupilas**, **O Mistério da Aldeia**, adaptado de Teixeira de Queiroz. **A Morgadinha dos Canaviais**, **O Tio Agrela** e **A Terra Negra** (mais duas adaptações de Teixeira de Queiroz), **O Selo da Roda** segundo a novela de Pedro Ivo e **O Drama do Povo**, baseado em Pinheiro Chagas.

Mas os colegas da empresa, se ainda o deixaram fazer **Os Faroleiros** e **As Pupilas**, não o deixaram prosseguir. "Ouvi dizer que era muito artista e via grande de mais" "Farto e cansado de lutar", na sua própria expressão, Raúl de Caldevilla demitiu-se a 24 de Março de 1923, pouco depois da conclusão da rodagem de **As Pupilas**. Provavelmente, foi essa desistência que levou a descurar da estreia das obras da Caldevilla em Portugal, embora também seja verdade que o produtor do filme citou um lucro de 700 contos (em 1923, era obra) como resultado da exploração destas películas.

Se **Os Faroleiros** - pense-se o que se pensar da sua ambição artística - é um filme que não deve ter custado muito dinheiro, já as **Pupilas** revelam, pela sua extensão e pelo seu *cast*, uma evidente ambição. Raúl de Caldevilla logrou mesmo o que a Invicta não tinha conseguido para **Os Fidalgos** dois anos antes: convencer Eduardo Brazão (1851-1925), então o mais reputado actor teatral português, a voltar ao cinema (que já tinha tentado em 1910, no mítico **Rainha Depois de Morta**, realizado por Carlos Santos) para fazer o Reitor. Quando se sabe que a Invicta desistiu de o contratar, para fazer de D. Luis de Negrão nos **Fidalgos**, porque o actor pedia 3 contos, mais despesas de hotel pagas, soma, à época, exorbitante, adivinha-se que Caldevilla jogou parada altíssima para obter o concurso do actor. No resto do *cast*, Manuel dos Santos Oliveira, velho e prestigiado comediante portuense (nada a ver com o cineasta) repetiu o papel de José das Dornas, que fizera numa coeva adaptação teatral de Ernesto Biester, como Duarte Silva, repetiu o João da Esquina. E aquela que trouxera para a Invicta os louros iniciais ao criar a **Rosa do Adro**, a sensual Maria de Oliveira, era Clara, sendo Daniel o futuro realizador Arthur Duarte, que se estreará no Ernestinho do **Primo Basílio**. Tudo escolhido a dedo e a visar o grande sucesso que a popularidade do romance parecia prometer.

E a interpretação é surpreendentemente homogénea, talvez a mais homogénea de quantos filmes saíram do Porto nestes anos 20. Brazão, com uma bela máscara, é bastante contido, embora com um "tic" naturalista delicioso. O actor, que tinha 72 anos quando interpretou este papel, ou seja que era mais velho do que o Reitor de Júlio Dinis, não resiste a representar a velhice do personagem e, quando anda, reforça o andar de um ancião, incorporando, voluntária ou involuntariamente, os muitos papéis de velho que tenha feito nos palcos e lhe tinham dado grande nomeada. Maria de Oliveira, mais rechonchuda do que ao tempo de **A Rosa do Adro** ou de **Barbanegra**, conserva a sua presença sensual e é uma Clara carnalíssima, tentando Daniel muito mais do que Daniel a tenta a ela. A perversidade que alguns têm querido ver nas **Pupilas** acentua-se no filme graças a ela, deixando-nos a suspeita que, depois dos matrimónios finais, não vá ainda haver algumas facadinhas neles. Manuel dos Santos Oliveira é outra personagem inquietante, um José das Dornas que parece saber bastante mais do que os filhos. Apesar da idade, aproveita bem o milho-rei e, sobretudo para o final, ganha contornos expressionistas, lembrando, às vezes, salvo devidas proporções, o Knock do **Nosferatu** de Murnau, o actor Alexander Granach. E vale a pena seguir com atenção (sempre na linha da perversidade) Ricardina Maia na trigueira Francisca, sobretudo quando se faz examinar pelo médico.

À câmara esteve o operador francês Victor Morin que Félix Ribeiro diz ter sido um dos operadores de **L'Atlantide** de Feyder, filme de 1921. E a fotografia é bastante boa, aproveitando muito bem os exteriores em que quase todo o filme se desenrola (Beira Alta, região de Vizela).

E Mariaud resolve muito bem algumas cenas, como as da infância de Daniel e Margarida (esse plano do beijo que tanto volta em "flash-back" com uma magnífica profundidade de campo); a da morte da mãe de Clara; a da despedida de Margarida e Daniel em crianças (a ponte, o *contre-plongée*); a declaração de amor de Pedro, ouvida por todos, com o rio ao fundo; alguns grandes planos de *insert* como o de Daniel a lavar as mãos em seco, que faz o Reitor perceber o "perigo" da relação dele com Clara; as da desfolhada ou do bailarico subsequente; o surpreendente plano das cartas a desabar quando João da Esquina vê ruir o sonho de casar a filha com Daniel; as várias acções concomitantes que o uso da profundidade de campo permite (por exemplo quando o Reitor surpreende Clara e Daniel) ou a resolução da substituição de Clara por Margarida, com o "flash-back" que faz ver como tudo se passou.

Curiosamente, Mariaud parece neste filme muito mais contido do que nos **Faroleiros**, mas também muito mais regular e, ao contrário de Pallu, sendo embora fiel ao texto, não desperdiça as soluções visuais que o mesmo lhe oferece. Basta comparar, por exemplo, a sequência dos encontros clandestinos Clara-Daniel com a do encontro Teresa-Simão no **Amor de Perdição** de Pallu. A diferença de talento dos dois cineastas salta à vista.

Luís de Pina sustentava que estas **Pupilas** eram a melhor das três versões do romance até hoje levadas ao cinema: a de Leitão de Barros em 1935 e a de Perdigão Queiroga em 1960. Não me custa nada dar-lhe razão, até porque é a única que conservou o erotismo difuso do romance, nessa aldeia em que a carne é o único pecado e a única alegria, com o sexo para os novos, a comida para os velhos e um sábio padre que não tenta emendar o mundo mas apenas conservar-lhe a fachada. Não se trata afinal da **história de uma cabreira** e da canção dela ?

Seja com for, e se pensarmos nos **Fidalgos**, no **Amor de Perdição**, ou, sobretudo, no **Primo Basílio**, esta é a melhor adaptação de um clássico da nossa literatura que os Vintistas do Porto nos deixaram. Valeu a pena esperar tanto tempo.

JOÃO BÉNARD DA COSTA